TL 2403

Frente Revolucionária de Timor Leste Independente

FRETILIN

Relatório da Delegação do Comité Central da Fretilin em missão de serviço no exterior do País

Relatório da Delegação do Comité Central da Fretilin em missão de serviço no exterior do País

Frente Revolucionária de Timor Leste Independente

FRETILIN

Relatório da Delegação do Comité Central da Fretilin em missão de serviço no exterior do País

(aprovado na sua Reunião Plenária realizada na Cidade do Maputo, República Popular de Moçambique, de 5 a 15 de Março de 1982 — VII Ano de Resistência Nacional Generalizada)

design. Robin Fior

composto e impresso por
GRUA Artes Gráficas Lda.,
Lisboa Portugal

Sumário

7. Introdução

11. I Retrospectiva da luta no interior do País

16. I Período: Dezembro de 1975 a Dezembro de 1978

25. II Período: 1979 a 1981: balanço político; reorganização política e militar da Resistência

43. II Retrospectiva da luta no exterior do País; papel da delegação da Fretilin em serviço no exterior (DFSE)

59. Resoluções

Introdução

A Reunião Plenária da Delegação do Comité Central da FRETILIN em Serviço no Exterior do País realizada no VII Ano de Resistência Nacional Generalizada do Povo Maubere contra o ocupante indonésio reveste-se de um significado e importância extraordinários. O Povo Maubere sob a corajosa direcção do Comité Central da FRETILIN vem resistindo, sob todas as formas, à odiosa e criminosa agressão levada a cabo pelas forças armadas da República da Indonésia. Não obstante o elevado índice de morte já ocorrido e apesar dos inúmeros sofrimentos e dificuldades de vária ordem resultantes dessa mesma agressão, nomeadamente a prisão, a deportação, a doença, a fome ou o exílio, a morte por inanição que já dizimou dezenas de milhares de vidas, sobe cada vez mais a onda de simpatia, a adesão e o apoio generalizado de vastas camadas do Povo Maubere às linhas fundamentais sobre as quais assenta o Projecto Político da FRETILIN consubstanciado no Programa e Manual Políticos da FRETILIN e no texto da Lei Fundamental da República Democrática de Timor Leste — A CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA. Tudo isto resulta da justeza das opções fundamentais assumidas pela FRETILIN nas horas mais cruciais e nebulosas da História Maubere do passado recente.

A FRETILIN desde logo defendeu e assumiu corajosamente os ideiais de Independência como o objectivo mais querido do nosso Povo.

Ao ter assumido durante todo este percurso histórico a

condução infatigável da Guerra de Resistência Nacional; ao postar-se sempre na primeira linha de combate definindo oportunamente tácticas de luta correctas e apelando constantemente à unidade de todo o Povo em torno dos seus interesses estratégicos de Independência, de Paz, de Justiça e de Desenvolvimento, a FRETILIN logrou granjear o justo respeito de todos os cidadãos de Timor Leste, resistentes Mauberes, patriotas, combatentes, guerrilheiros e revolucionários.

A esta vontade resoluta do heróico Povo de Timor Leste de ser soberano e senhor dos seus recursos e destino, contrapõem o regime expansionista da Indonésia e seus aliados a guerra que está longe de encontrar o seu fim.

Apesar desta realidade insofismável, o regime expansionista da Indonésia vem a todo o custo intoxicando a opinião internacional através da sua campanha de desinformação e deturpação de factos.

Para tornar consistente esta sua política de manipulação, o regime expansionista da Indonésia continua a erguer um muro de isolamento em relação ao território de Timor Leste, onde os órgãos de informação independente e neutral bem como organismos internacionais, quer governamentais quer não governamentais, de ajuda e de desenvolvimento humano e social não são autorizados a ter acesso, salvo raras excepções e em condições especiais.

Assim, enquanto se regista, por um lado, o desrespeito total do regime expansionista indonésio pelas normas do Direito Internacional e pelas resoluções pertinentes sucessivamente aprovadas nos aréopagos internacionais, verifica-se, por outro lado, uma certa variação do tom de crítica de alguns Estados membros da Comunidade Internacional face à situação em Timor Leste.

Do mesmo modo, a inoperatividade do Estado Português em relançar o debate do problema de Timor Leste no campo internacional reforça a ideia de que Portugal está longe de assumir com dignidade as suas responsabilidades morais, históricas e políticas contraídas com o nosso Povo ao longo de séculos de colonialismo e opressão.

Aqui reside a grave preocupação de todos nós, os responsáveis pela condução da luta política e diplomática do nosso Povo na arena internacional.

Mas tal como no passado, declaramo-nos prontos para neutralizar, bem como para combater tenazmente o sentido de impotência que parece dominar o espírito da comunidade internacional perante a política de "facto consumado" imposta pela Indonésia. Temos a noção da nossa força, da nossa determinação e da nossa combatividade. Assiste-nos a força da justiça e da razão. Assiste-nos a força dos nossos heróis, dos nossos infatigáveis combatentes e do nosso muito querido Povo Maubere.

É nestas circunstâncias que tem início a Reunião Plenária da Delegação do Comité Central da FRETILIN em Serviço no Exterior do País realizada no VII Ano de Resistência Nacional Generalizada. Aguardam-nos importantes tarefas cuja resolução não pode ser preterida ou adiada. Várias circunstâncias adversas rodeam a nossa luta quer no campo interno quer no campo externo. Contudo, neste esforço de não deixar adiar tarefas imediatas cuja solução se deve encontrar imediatamente, já que o inimigo não desarma, temos também de estar precavidos para não cair no imediatismo da nossa acção.

Isto significa que estamos conscientes do enorme, longo e sinuoso percurso que há-de levar o nosso querido Povo até às portas da Libertação.

Isto significa também que é um imperativo inadiável para

o desenvolvimento ulterior da nossa luta a necessidade urgente de

Reorganizarmos as nossas forças,

Redefinirmos questões vitais relacionadas com a prossecução da nossa luta, reexaminarmos toda a nossa prática até hoje a fim de extrairmos dela os ensinamentos adequados e norteadores de uma **prática nova.**

A Delegação do Comité Central da FRETILIN em Missão de Serviço no Exterior do País assume pois corajosa e frontalmente todas as derrotas e vitórias ocorridas na frente de luta de que é responsável.

Finalmente registamos com alegria um vasto crescimento de forças sociais e políticas da Indonésia a favor da causa de Justiça, Libertação, Paz e Independência para Timor Leste. Este novo desenvolvimento, que reflecte mais uma vitória da justeza e aplicação persistentes da linha política da FRETILIN sobre a fraternidade que une o Povo Maubere e o Povo Indonésio, marca também um salto qualitativo da luta do Povo irmão Indonésio pela Democracia e Independência Nacional.

Por tudo isso, a Reunião Plenária da Delegação do Comité Central da FRETILIN em Missão de Serviço no Exterior do País realizada no VII Ano de Resistência Nacional Generalizada decorre sob o lema: **RECTIFICAR, UNIR E LUTAR.**

I. Retrospectiva da luta no interior do País

Retrospectiva da luta no interior do País

Todas as vezes que falamos de História, referimo-nos, antes de mais, a datas e acontecimentos. Datas que se sucedem, destacando-se aquelas que são berços de acontecimentos de peso, acontecimentos que contribuem decisivamente na dialéctica da própria História dos Povos, provocando saltos qualitativos ou recuos temporários. Seis anos na História dos Povos não são senão uma gota no Oceano. Assim como a nossa querida Pátria Timor Leste se situa no ponto de encontro entre o Índico e o Pacífico, estes seis anos difíceis de luta armada do Povo Maubere sob a liderança do Comité Central da FRETILIN, são o ponto de encontro entre o passado e o futuro, a síntese do passado e salto definitivo para o Futuro onde o Maubere reconquistará para sempre a sua Dignidade, Liberdade e Independência. São seis anos de grandes acontecimentos, cujo valor e importância escapam ao controle dos calendários e batimentos dos relógios.

Desde 20 de Maio de 1974 até hoje, se folhearmos as ricas páginas da nossa História recente, verificamos que existem datas registadas com tintas de ouro mas também com sangue heróico dos heróis tombados. São páginas inesquecíveis que entraram para o património da Nação Maubere e que galvanizam a cada momento os combatentes honestos e seriamente comprometidos com o nosso Povo.

Importa pois a todos nós sabermos encontrar o nó das questões, compreender as crises, participar e contribuir para

mais vitórias, trabalhar enraízada e organizadamente.

No interior do País, a situação de hoje não é a mesma da de há dois ou três anos. Para termos confiança na dinâmica da luta actual, exige-se de cada um de nós:

1: Conhecer as etapas por que passou a FRETILIN;

2: Sem fanfarronice e triunfalismo, saber confiar no Povo;

3: Ter sensibilidade para compreender a dialéctica da luta;

4: Saber que a adopção da estratégia de luta popular prolongada não pode significar oposição a recursos e factores aceleradores da vitória;

5: Conhecer as tácticas a adoptar para não permitir ao inimigo a iniciativa no campo de batalha.

Quando falamos da nossa luta devemos ser capazes de nos colocarmos dentro dela e não simplesmente desempenhando papel de observador, de crítico intocável. Devemos tomar consciência do papel que cada um desempenha, da contribuição que demos para os avanços e recuos, sucessos e fracassos.

Encontrando-nos, presentemente, nesta frente de luta diplomática, todo o nosso esforço se concentra nas tarefas específicas de que estamos incumbidos:

a) Obter vitórias no campo internacional a fim de forçar a Indonésia a retirar as suas forças ocupantes do nosso solo pátrio bem como os seus agentes de administração;

b) Obter apoio moral, político e material à luta do nosso Povo nesta guerra de Resistência Nacional contra a ocupação indonésia.

Importa por isso fazer um ponto da actual situação da nossa luta mais global. Para isso é imperioso efectuarmos uma retrospectiva dos estádios da nossa luta quer no campo interno quer no externo a fim de melhor nos capacitarmos para a prossecução de tão magnas e nobres tarefas. Estamos certos de

que uma retrospectiva dos factos mais importantes da nossa luta, feita com serenidade e desapaixonadamente, nos permitirá, hoje, colher ensinamentos pertinentes para uma renovação da nossa prática tanto no tempo presente como no futuro.

Assim dividimos em dois períodos a história recente da Resistência Nacional do nosso Povo:

a) O primeiro período vai desde a invasão de Dili, em 7 de Dezembro de 1975 até Dezembro de 1978.

b) O segundo vai desde o início de 1979 até hoje.

Estes dois períodos que marcam, de facto, duas épocas bem distintas e diferenciadas na Luta de Libertação Nacional, assinalam também entre um e outro o fim do contacto frequente e regular, via-rádio entre a Delegação da FRETILIN em Serviço no Exterior (DFSE) e o Comité Central da FRETILIN no interior do País e o estalar de uma grande crise no seio da direcção política da FRETILIN com as inevitáveis perturbações tanto no funcionamento como na operacionalidade das estruturas militares e logísticas.

I Período: Dezembro de 1975 a Dezembro de 1978

Ao longo de todo este período, o inimigo, a par dos seus objectivos militares, prosseguiu três objectivos fundamentais:

1 Destruir a coesão da direcção política do nosso Povo, o Comité Central da FRETILIN para mais facilmente subjugar o Povo;

2 Destruir o elo de contacto entre Timor Leste e o exterior — a Emissora Nacional/Rádio Maubere, prova evidente da continuação da luta do nosso Povo no solo pátrio;

3 Ganhar para si o Povo de Timor Leste.

Este período subdivide-se, por sua vez, em duas fases características correspondentes ao período entre a invasão em 7 de Dezembro de 1975 e a traição de Xavier do Amaral, em 14 de Setembro de 1977, e, entre esta data e Dezembro de 1978 em que se verificou a passagem de Alarico Fernandes e seu grupo para o lado indonésio, em 3 de Dezembro de 1978 e com ele a entrega aos indonésios dos aparelhos de rádio-emissores-receptores e a subsequente denúncia que levou à morte, em combate, do nosso saudoso camarada Presidente Nicolau Lobato em 31 de Dezembro de 1978.

Primeira fase: 7 de Dezembro de 1975 — 14 de Setembro de 1977. As forças armadas da Indonésia após terem conquistado e ocupado a capital Dili desenvolveram intensas acções tácticas no sentido da tomada de localidades estratégicas (vilas e cidades) situadas nas costas Norte e Sul. A par de grossos contingentes militares que progrediam pelas estradas a partir dos portos de Betano, Suai e Bé-Aço (Costa Sul) ao encontro de outros destacamentos que progrediam de Dili, Liquiçá, Manatuto, Baucau

(Costa Norte) as forças indonésias concentravam as suas forças à volta das localidades ocupadas que assim eram protegidas e cobertas por anéis militares de segurança.

O esforço militar indonésio deste período consistiu em transformar as principais estradas controladas em cordões de divisão de Timor Leste em compartimentos estanques isolados uns dos outros.

Simultaneamente intensificavam o bloqueio naval e continuavam as suas ofensivas nas áreas fronteiriças.

Em 6 de Janeiro de 1976 as autoridades indonésias com sucesso impediram que o enviado especial do Secretário-Geral da ONU — W. Guicciardi entrasse em contacto com a FRETILIN impondo condições inaceitáveis relativamente a viagens e desembarque do mesmo. Ordenaram também o bombardeamento intensivo dos portos e aeroportos sob o controle da FRETILIN. Mais tarde provou-se que as autoridades militares indonésias estavam preparadas para afundar o barco que, porventura, viesse a transportar o enviado especial do Secretário-Geral da ONU, da Austrália para o porto de Betano localizado na Costa Sul de Timor Leste.

Nesta fase, a Resistência Nacional do Povo Maubere sob a direcção do Comité Central da FRETILIN pôs em sérias dificuldades as autoridades indonésias.

Na frente político-militar, o exército indonésio foi obrigado a deter a sua marcha impetuosa chegando em vários casos e por várias vezes a perder posições já alcançadas.

O comunicado de 6 de Abril do Governo da RDTL assinado pelo então Primeiro Ministro, camarada Nicolau Lobato, dava conta do "contole de mais de 80% do território pelas FALINTIL". Seis dias mais tarde, um outro comunicado do Governo dizia: "Todos os membros do Comité Central da FRETILIN e do

Governo da RDTL deslocam-se livremente, as telecomunicações estão em funcionamento e também a Emissora Nacional emite três vezes por semana". No mês de Março de 1976 teve lugar a primeira Sessão Plenária do Comité Central da FRETILIN, após a invasão, para debater a situação política e militar que começava a alterar-se pelo facto de várias localidades terem caído nas mãos do inimigo.

De 15 de Maio a 2 de Junho de 1976, reuniu-se em Soibada a II Sessão Plenária do Comité Central da FRETILIN. Dessa reunião emergiram as três grandes linhas orientadoras da Revolução Maubere: — guerra popular, guerra prolongada e assente no princípio de contar com as próprias forças. O inimigo que, entretanto, já tinha infiltrado alguns dos seus agentes no seio da nossa organização procurou ocupar Soibada onde se encontrava toda a direcção da FRETILIN, excepto Xavier do Amaral que abandonara a Reunião em 18 de Maio. Assim, as forças inimigas progredindo a partir de Betano, porto da Costa Sul e após terem tomado sucessivamente Alas e Fatuberliu ocuparam Soibada em 15 de Julho de 1976.

Nos finais da época seca de 1976, as FALINTIL desencadearam uma contra-ofensiva geral em todo o país destinada a reconquistar localidades estratégicas bem como a isolar postos avançados. Assim, a FRETILIN tinha reconquistado Uato-Lari em 24 de Agosto; Fatuberliu no mesmo período; em 17 de Setembro, Vemasse era reconquistada; em 30 de Setembro, Laclúbar; e Tutuala em 1 de Outubro de 1979.

A par das vitórias militares alcançadas pelo Povo de Timor Leste, neste período, se tivermos em conta a desigualdade dos meios bélicos e humanos outras vitórias foram alcançadas. O comunicado do Comité Central da FRETILIN saído da Reunião de Soibada dava conta do desenvolvimento da indústria artesa-

nal de sabão, do desenvolvimento da tecelagem, do fabrico de açúcar e do fabrico de comprimidos. A emissão de Rádio Maubere de 9 de Março de 1977 dava conta do "controle de mais de 80% do território" pelas FALINTIL e anunciava que "a produção de alimentos nas áreas controladas pela FRETILIN ultrapassou o máximo atingido no período colonial português".

Entretanto, de 8 de Março a 20 de Maio de 1977, reuniram-se o Conselho Superior de Luta e o Comité Político do Comité Central da FRETILIN para debater a situação política e militar do País. Dessa reunião saíu aprovado o documento do Departamento de Orientação Político-Ideológico do Comité Central da FRETILIN intitulado "Os movimentos de libertação nacional, as manobras do imperialismo e os partidos fantoches". Esta "Reunião Histórica de Lalimé" tal como foi considerada mais tarde, reafirmou uma vez mais os três princípios norteadores da Revolução Maubere: guerra popular, guerra prolongada e assente no princípio de contar com as próprias forças. Até ao fim desta fase, as forças da FRETILIN detinham o controle das estradas principais de Timor Leste neutralizando, por conseguinte, os planos tácticos da Indonésia em isolar os diferentes sectores político-militares em que Timor Leste esteve dividido e forçando por conseguinte os soldados indonésios a serem abastecidos através de helicópteros.

A meio do segundo ano de invasão e agressão generalizada, o regime expansionista da Indonésia tinha sofrido uma vergonhosa derrota. Fracassada no domínio militar a clique militar-fascista da Indonésia apostou decisivamente na sabotagem da unidade do Comité Central da FRETILIN para o que confiou no trabalho dos seus infiltrados e agentes actuando sob as ordens de Xavier do Amaral. Simultaneamente, os generais indonésios iniciavam desde fins de 1976 a sua campanha interna-

cional para o reequipamento das suas Forças Armadas, renovação do seu material bélico e aquisição de novos componentes operacionais do combate aéreo. A descoberta e a neutralização dos planos de Xavier do Amaral que visavam o assassinato de numerosos destacados membros do Comité Central da FRETILIN, se marcaram, por um lado, mais uma vitória no combate do Povo Maubere contra os seus inimigos externos e internos, foram também, por outro lado, o detonador de uma nova vaga de agressão que tinha estado a ser preparada pelos generais indonésios em íntima sintonia com as potências imperialistas.

Segunda fase: Desde a traição de Xavier do Amaral até à rendição de Alarico Fernandes em 3 de Dezembro de 1978. Este foi um duríssimo período de luta e de resistência do Povo Maubere. Nove dias após a comunicação ao País feita pelo então camarada Vice-Presidente Nicolau Lobato sobre a vergonhosa traição de Xavier do Amaral, o Comité Central da FRETILIN emitiu em 23 de Setembro um comunicado em que alertava toda a Nação e o Povo Maubere para uma grande ofensiva militar indonésia que estava em preparação e prestes a ter lugar. O comunicado referia-se à concentração maciça de forças indonésias em Maliana e nas cidades fronteiriças de Timor Indonésio — Atapupo e Atambua. Até ao fim do ano de 1977 e início de 1978, os indonésios lançam as suas grandes campanhas de cerco e de aniquilamento em que utilizaram exaustivamente os seus recursos aéreos — os aviões anti-guerrilha Bronco-OV-10, forças hélio-transportadas, a artilharia naval e terrestre bem como grandes contingentes de forças de infantaria.

Em 12 de Fevereiro de 1978, um outro comunicado do Comité Central da FRETILIN referia-se "ao uso intenso (pelos indonésios) dos aviões Bronco-OV-10 e de artilharia pesada

para bombardear largas áreas densamente povoadas com o propósito de massacrar a população, queimar as casas, as culturas e colheitas e as propriedades." O mesmo comunicado referia mais adiante "a destruição causada pelos bombardeamentos sobre largas áreas produtivas e sobre o gado. A população capturada era obrigada a morrer à fome ou estava sujeita a execuções sumárias. Mesmo as crianças e os bebés eram executados a sangue frio."

Na emissão de Rádio Maubere de 12 de Fevereiro, era afirmado que nos sectores Fronteira Norte e Fronteira Sul, não obstante a mortandade ocorrida, as FALINTIL continuavam a resistir heroicamente. No sector Fronteira Sul registava-se luta renhida nas localidades de Fatululik, Fatubessi, Fatumean, Suai e Atsabe.

Nesta mesma emissão referia-se que as forças da FRETILIN tinham neutralizado um grande ataque dos indonésios em 1 de Janeiro contra Fatubessi, e que, também na mesma altura tinham-se intensificado as lutas em Fatululik bem como nas regiões limítrofes de Dili, Remexio, Baucau, Baguia e Bazartete.

Em 4 de Março a Rádio Maubere resumiu assim a estratégia militar da Indonésia:

"Neste momento, a estratégia do inimigo consiste em fazer campanhas de cerco e aniquilamento a fim de tomar sector por sector. Entretanto, nos outros sectores do território, o inimigo está a lançar ataques rápidos como manobras de diversão."

Na mesma emissão, era informado que as forças indonésias tinham ocupado Fatubessi em 31 de Janeiro e que no Noroeste do território prosseguiam intensos e violentos combates nas zonas de Maubara, Hatolia, Ermera, Atsabe, Cailaco e Fatubessi. Simultaneamente reportava-se à luta intensa na zona de Fatumean, Fatululik e monte Taroman.

Em 20 de Maio de 1978, o camarada Presidente Nicolau Lobato, no seu discurso à Nação, referia-se a um "irrealismo atroz falar-se de mais quaisquer movimentos fantoches, de demagogos e oportunistas de ontem." O seu discurso onde transparecia a sua confiança inabalável na capacidade de combate e na vitória do Povo Maubere era um apelo à unidade de todo o Povo, à unidade em torno do Comité Central da FRETILIN baseada em princípios e à unidade dos esforços.

Neste período várias posições da FRETILIN caem nas mãos dos indonésios. "Timor Leste encontra-se mergulhado em sangue e fogo", era um título de um outro comunicado do Comité Central da FRETILIN de 17 de Junho de 1978. Entre Março e Agosto de 1978, campanhas de cerco e aniquilamento têm lugar nos sectores Centro Norte, Centro Sul e Centro Leste. A vila de Remexio que dista somente 15km de Dili caía finalmente nas mãos dos indonésios nos fins de Junho.

Um comunicado do Comando das FALINTIL informava em 7 de Julho que desde Dezembro de 1977, doze batalhões indonésios operavam no sector Fronteira Norte, assim distribuídos: 4 batalhões em Fatubessi; 2 batalhões em Leolima e Assumano; 1 batalhão em Liquiçá; 1 batalhão em Maubara; e 4 batalhões em Ermera. Além desses, a Indonésia tinha acabado de enviar outros 12 batalhões em reforço dos já ali existentes para operar nos sectores Centro Norte e Centro Leste, assim respectivamente distribuídos:

Sector Centro Norte —
6 batalhões em Remexio, Manatuto, Laclúbar, Aileu e Turiscai.

Sector Centro Leste —
6 batalhões em Baucau, Laga, Viqueque e Uatu-Lari.

A guerra tinha atingido o seu mais elevado clímax de barbaridade e de terror. Aparentemente, houve fraca resposta

internacional às denúncias que a Rádio Maubere vinha fazendo ao longo de todas as suas emissões. Eram as denúncias sobre a fome, a mortandade generalizada, a destruição do habitat natural do Povo de Timor Leste, os bombardeamentos maciços sobre aldeamentos, povoações e execuções sumárias individuais ou colectivas. Ao invés, surgiram vozes nos meios internacionais de política e informação que sugeriam que a situação militar em Timor Leste tinha atingido um ponto de impasse e que negociações entre a FRETILIN e a Indonésia deveriam ser de imediato encetadas para evitar mais derramamento de sangue entre as partes em conflito.

O Comité Central da FRETILIN refutou tais sugestões que considerou manobras de diversão para enfraquecer a vigilância revolucionária da FRETILIN e do Povo. E afirmou-o baseado no facto de que as mesmas surgiam no período de maior onde de agressão jamais sentida em todo o solo pátrio.

Fracassada a concepção militarista da condução da luta armada e perante maiores barbaridades e agressividade do inimigo, um punhado de membros da FRETILIN, dirigidos por Alarico Fernandes, decidiu unilateralmente a ruptura com o Comité Central da FRETILIN liderado pelo saudoso camarada Presidente Nicolau Lobato e procurou, através da via do compromisso com o expansionismo indonésio e o imperialismo, uma saída utópica para o problema de Timor Leste. Alarico Fernandes e seu grupo, não obstante terem divulgado o seu projecto neocolonial constante da "operação skylight", não conseguiram contudo o apadrinhamento, quer da parte das nações da área, quer da própria Indonésia. Alarico Fernandes não entendeu que qualquer solução negociada só é possível e válida quando ela é imposta por nós ao inimigo e nunca quando choramos a desejá-lo.

Efectivamente lançaram-se num aventureirismo suicida e cega confiança ao terem-se entregado nos braços dos inimigos que tinham estado a combater ao longo de três anos, para, em contrapartida, declararem guerra àqueles com quem privaram em conjunto horas de sofrimento, de alegria e de luta por objectivos comuns.

II Período: — 1979 a 1981: Balanço político: Reorganização política e militar das estruturas de Resistência; táctica e estratégia; política de frente nacional, unida e patriótica. Caracterização da situação actual.

1 Balanço político. A Indonésia conseguiu parcialmente atingir os seus objectivos: — destruir a coesão da direcção política do nosso Povo e neutralizar o elo de contacto entre Timor Leste e o exterior — a Emissora Nacional, Rádio Maubere. Perante a resistência popular e invulgar do nosso Povo, o inimigo para atingir o terceiro objectivo teve de recorrer ao genocídio.

Factores externos e internos se conjugaram para este desenlace vitorioso embora temporário e parcial sem dúvida alguma, para o inimigo. Nada mais ilustrativo que a morte por traição do nosso saudoso e eminente dirigente revolucionário, querido camarada Presidente Nicolau Lobato! E o inimigo soube comemorar a sua vitória. O Presidente Suharto felicitou o Ministro de Defesa que, por sua vez, condecorou a Unidade que levou a cabo tal "proeza". Se, por um lado, a ofensiva inimiga e a sua selvática agressão foram incalculavelmente grandes e levaram aos sucessos já apontados, por outro lado, o inimigo soube tirar partido dos nossos pontos fracos.

Dissemos mais acima que era necessário conhecer e compreender as etapas por que passou a FRETILIN. Pois, a luta do Povo Maubere sob a direcção do Comité Central da FRETILIN, possui características muito particulares que merecem ser estudadas. A forma como a FRETILIN nasceu, cresceu e se tornou força dirigente incontestável, Partido no Poder, é algo que merece uma reflexão séria, para se poder compreender a situação actual e encontrar nela um significado de revitalização e não de marcha desesperada para a total destruição.

A FRETILIN experimentou, de 20 de Maio de 1974 a 7 de Dezembro de 1975, um crescimento rápido, prematuro mas inevitável.

De poucos militantes fundadores tornou-se rapidamente a força maioritária no País, em menos de um ano de vida. De 25 homens mal armados em 15 de Agosto de 1975, passou a ter um exército, ainda que com deficiências organizacionais, a partir de 20 de Agosto do mesmo ano. De uma base central vulnerável em Ai-Sirimou, em 15 de Agosto de 1975, passou a controlar de facto todo o País, política, militar e administrativamente, a partir de 15 de Setembro do mesmo ano. Crescimento, indubitavelmente rápido e prematuro, mas, também inevitável e necessário.

O importante hoje é compreendermos claramente, o que tornou possível este crescimento? Como foi a FRETILIN capaz de destruir por completo as teses colonialistas de "portuguesismo do Povo de Timor Leste"? Crescimento como experimentou a FRETILIN, mais nenhum Movimento de Libertação Nacional o fez até hoje. O que o tornou possível? Não há dúvidas de que reside aqui a explicação desse fenómeno:

1 A FRETILIN surgiu como produto da Resistência secular do nosso Povo;

2 O Programa Político da FRETILIN proclamado em 1974 traduziu preocupações imediatas e surgiu como resposta às exigências do nosso Povo;

3 Na prática, a FRETILIN tem sabido ser coerente e consequente com os Princípios que a norteiam;

4 A Direcção da FRETILIN comporta predominantemente sangue jovem e ousado.

Sendo assim, qual, basicamente, a diferença entre a Luta do Povo Maubere, sob a Liderança da FRETILIN, e as Lutas de

Libertação Nacional de Moçambique, Angola, Guiné (Bissau)?

Recordamos que, por um lado, as Lutas em Angola, Moçambique e Guiné beneficiavam:

a) De uma base estratégica próxima e fronteiriça;

b) Do apoio de todo um Continente;

c) De mais ou menos facilidades de abastecimento e reabastecimento.

Todas estas condições contribuiram para a definição de etapas concretas de luta, imprimindo aos respectivos Movimentos um crescimento normal e seguro, levando anos a percorrer o caminho em pouco tempo percorrido pela FRETILIN.

Em Timor Leste, por outro lado:

1 Todas as três condições básicas não se verificam;

2 O colonialismo português como sistema político e administrativo deixara de existir;

3 O perigo de uma anexação indonésia era iminente;

4 As manobras para a destruição da FRETILIN avolumavam-se.

Tudo isso, acrescido do sangue jovem e ousado da Direcção da FRETILIN contribuiram para o acelerar de passos, imprimindo um crescimento rápido e prematuro, mas inevitável.

Quando a 7 de Dezembro de 1975, as Forças Armadas Indonésias invadiram em larga escala o nosso País, a FRETILIN e o Governo da RDTL mantinham o controle *de facto* e *de jure* sobre todo o território, excepto Oé-Cusse e Ataúro. Durante os três meses da nossa administração, anterior à invasão, fomos capazes de reorganizar a vida, criando junto do Povo uma maior confiança na FRETILIN, uma maior tomada de consciência patriótica, uma primeira experiência de vida num Timor Leste Livre e Independente. Foi sem dúvida, a realização de um sonho secular do nosso Povo. Esta experiência enraizou cada vez mais

a identificação da FRETILIN com o Povo, confirmou a justeza dos seus Princípios orientadores, consolidou as conquistas estratégicas e revolucionárias.

Deste modo, todo o Povo, em torno da FRETILIN, se levantou para resistir à invasão indonésia. Só assim se compreende que até 1978, a FRETILIN e o Governo da RDTL tenham mantido sob a sua total administração 80% do território nacional e mais de 90% da População, não obstante o grande potencial bélico do inimigo.

Podemos então compreender que a FRETILIN, no seu processo de formação e desenvolvimento teve de acarretar sobre os seus ombros pesadas responsabilidades e desempenhar grandiosas e árduas tarefas em período de tempo tão curto. A FRETILIN que tinha surgido logo como uma ampla frente de massas e de classes contra a dominação estrangeira mas com diferentes perspectivas e comportamentos face à Revolução, isto é, face às transformações sociais, políticas e económicas internas, viu na invasão indonésia a prova de fogo através da qual o seu projecto político, que tinha proclamado levar a cabo, teria de passar.

Não há dúvida nenhuma que a invasão veio contribuir para a reafirmação e consolidação do processo de luta já iniciado em tempo de paz embora curto. O apoio incondicional das vastas massas mauberes ao longo dos anos da invasão veio provar a identidade do Povo Maubere com o Projecto Político da FRETILIN, enunciado no seu Programa Político e consagrado na Constituição da RDTL.

Mas, além disso, o sucesso da Resistência Nacional contra a agressão externa dependeria do sucesso da Revolução. Sem a Revolução, isto é, sem a participação consciente e organizada do Povo, a Resistência Nacional estaria condenada e teria os dias contados.

Tendo em conta toda esta realidade específica do processo maubere de libertação nacional do jugo opressor e tirano do regime expansionista da Indonésia, o Comité Central da FRETILIN proclamou a adopção da estratégia de Guerra Popular Prolongada contando com as próprias forças. Nestas condições e ano após ano, as dificuldades multiplicam-se. Surgem então as contradições no seio da FRETILIN, ou, no mínimo, a agudização de contradições latentes, a necessidade de uma Direcção Política mais coesa e homogénea onde não pode haver lugar para vacilantes, ambiciosos, regionalistas, espontaneistas e militaristas. Estávamos em 1977 — Capitulação e traição de Xavier do Amaral.

Depois desta crise, a FRETILIN experimentou um largo Movimento de Rectificação e de Reorganização pelas seguintes razões:

a) A necessidade de corresponder às exigências do salto qualitativo verificado;

b) A urgência de fazer face às grandes campanhas de cerco e aniquilamento do inimigo.

Tudo isto exigiu, sem dúvida alguma, esforços sobre-humanos, sacrifícios sem limites. Um ano mais tarde, perante novas provações ainda mais duras, novas contradições iriam surgir. Pois já era hora de se concluir que o triunfalismo, o optimismo insensato não representavam senão a subestimação do inimigo e a sobreestimação das nossas forças. À fanfarronice e repetição mecânica de slogans revolucionários sucedem-se o desespero e a capitulação. Aparece, assim, a traição de Alarico Fernandes em fins de 1978.

Xavier do Amaral e Alarico Fernandes, nos momentos de crise, sempre se rebelaram contra as decisões do Comité Central da FRETILIN, pondo em causa o carácter revolucionário e patrió-

tico da Guerra de Resistência Nacional. Tanto um como outro jamais puderam entender a íntima relação entre o sucesso da Resistência Nacional e o sucesso da Revolução não obstante os seus percursos terem sido diferentes.

Alarico Fernandes esteve para ser morto por um agente de Xavier do Amaral em Agosto de 1977! Xavier do Amaral além de ter sido um elemento hesitante, defendia o regionalismo, fomentava as práticas retrógradas do feudalismo e sempre se opôs ao trabalho político junto das massas populares e à formação de quadros, além de que tinha sabotado várias medidas aprovadas pelo Comité Central da FRETILIN. Ao contrário, Alarico Fernandes tinha-se revelado como um combatente indomável no período da contra-ofensiva da FRETILIN sobre a UDT, no período de controle de todo o território pela FRETILIN e após a invasão indonésia e a traição de Xavier do Amaral. Contudo, a sua prática era ditada por um espontaneismo, voluntarismo e concepção militarista da guerra de Resistência Nacional que se mostraram falsos alicerces de apoio nos momentos de grande escalada inimiga. As campanhas de cerco e aniquilamento, desde a traição de Xavier do Amaral, em 1977, continuaram até inícios de 1979. Desde fins de Maio e começos do mês de Junho de 1978 — nas vésperas da visita de Suharto a Dili — que a Indonésia tinha lançado as grandes campanhas de cerco e aniquilamento sobre o Sector Centro Norte, o Sector de Alarico Fernandes. As mensagens que Alarico Fernandes enviava ao exterior, falavam de morte e terror, crianças e mães desfalecidas, centenas de mortes por inanição ao longo das ribeiras. Alarico não estava em condições de resistir. Em 3 de Agosto de 1978, portanto, cerca de um mês depois da queda de Remexio, Alarico Fernandes numa outra mensagem ao exterior ainda acalentava esperança de apoio externo. Perdida essa esperança, Alarico

Fernandes procurou uma saída que salvasse o seu pescoço — *Operação Skylight*.

A operação Skylight, segundo Fernandes e seu grupo, tinha por objectivo imediato lutar contra a chamada corrente comunista infiltrada no Comité Central da FRETILIN e liderada pelo camarada Presidente Nicolau Lobato. Segundo os seus autores, a chamada ala comunista era a responsável pela continuação da guerra em Timor Leste já que um Estado Independente de Timor Leste não-comunista seria aceite pela Indonésia e pelos países da área. Daí que havia necessidade de serem encetadas negociações imediatas, na base dos pressupostos acabados de enunciar, com as autoridades indonésias que pretensamente teriam querido negociar com a FRETILIN. Assim, Alarico Fernandes e o seu grupo entraram em contacto imediato com o Quartel General Indonésio em Dili a quem propuseram um cessar-fogo no polígono delimitado pelas estradas e linha recta que unem Remexio, Aileu, Turiscai, Laclúbar, Cribas e Manatuto.

Esse polígono tinha-se transformado na sua "base libertada" a partir da qual procuraram implementar as suas "medidas pertinentes", nomeadamente, o assassinato de todos os seus opositores à cabeça dos quais se encontrava a eminente figura do camarada Presidente Nicolau Lobato.

Fracassada a operação Skylight já que ela foi repudiada e combatida pelo Comité Central da FRETILIN, Alarico Fernandes e seu grupo entregaram-se aos indonésios em 3 de Dezembro de 1978. Uma grande crise no conjunto da Resistência Nacional contra a Indonésia tinha acabado de ter lugar. Mais do que simples rendições de indivíduos às Forças de ocupação, a passagem de Alarico Fernandes e seu grupo para o lado da contra-revolução constituiu um importante capital para o

expansionismo colonial indonésio. As circunstâncias em que ocorreu a morte do camarada Presidente Nicolau Lobato, em 31 de Dezembro de 1978, indicam-nos que o inimigo obteve dados muito importantes que lhe possibilitaram localizá-lo facilmente. Pouco tempo antes, o camarada Presidente Nicolau Lobato encontrava-se na extremidade oriental do Sector Centro Sul, junto do Sector Fronteira Sul. O camarada Presidente Nicolau Lobato encontrou a morte no monte Maubesse, Sector Centro Norte, área de Maubisse. Uma vez mais, o camarada Presidente Nicolau Lobato revelou a sua extrema dedicação à causa do Povo que o levou a ser ele próprio a deslocar-se ao Sector de Alarico Fernandes a fim de reorganizar as forças de Resistência.

Em resumo, no conjunto dos factores externos que contribuiram para a génese da operação Skylight, salientamos:

— A falta de apoio externo à luta armada de Resistência Nacional do Povo Maubere sob a direcção do Comité Central da FRETILIN; essa falta de apoio de que carecia, tornou-se ainda mais premente no período de maior incidência e intensidade dos ataques indonésios — campanhas de cerco e aniquilamento;

— A armadinha das pretensas negociações que o Comité Central da FRETILIN refutou oportunamente.

O inimigo soube bem lançar a sua armadilha. As negociações pretensamente desejadas pela Indonésia no período da sua maior escalada militar, como se pode inferir da análise militar do período entre a traição de Xavier do Amaral e a rendição de Alarico Fernandes, foram uma armadilha com o objectivo fundamental de dividir o Comité Central da FRETILIN e enfraquecer a sua coesão ideológica e combativa, a fim de aniquilar em última instância a Resistência Nacional. O último discurso do camarada Presidente Nicolau Lobato, em 20 de Maio de 1978,

era já um alerta para todos. Era um apelo para as três Unidades:
1) Unidade de todo o Povo,
2) Unidade em torno do Comité Central baseada em princípios e
3) Unidade dos esforços.

Referimo-nos atrás à juventude da FRETILIN e às suas árduas tarefas. Estamos convictos de que a luta fez amadurecer muitos quadros políticos da FRETILIN. O oportunismo de Alarico Fernandes só teve eco num punhado reduzido de membros do Comité Central da FRETILIN que, de facto, sempre com ele privaram no Sector Centro Norte. Os seus alicerces pouco sólidos de convicção política e revolucionária repercutiram-se na prática de uma condução errada de luta onde a derrota das forças da FRETILIN contrastou com o heroísmo do Povo nos outros sectores que também tiveram de enfrentar a mesma escalada.

Se, por um lado, com a expulsão de Xavier do Amaral se consolidou a vitória dos três princípios basilares da nossa luta de Resistência Nacional, a saber, a guerra popular, guerra prolongada e assente nas próprias forças, por outro lado, com Alarico Fernandes registou-se o fracasso da concepção militarista da guerra de Resistência Nacional. Esta concepção levou à prática pelas FALINTIL da guerra de posições como o aspecto principal e a guerra móvel de guerrilhas como o secundário e complementar. Esta linha tinha-se manifestado durante muito tempo através de apelos de que se deveria "resistir, resistir, aguentar, aguentar,... até à chegada do apoio exterior". Aliás, a sua existência relaciona-se com a própria origem das FALINTIL que tinham conservado durante muito tempo as suas práticas e concepções herdadas do Exército colonial que tinham sido.

2 Reorganização política e militar das estruturas de resistência; táctica e estratégia; A política de frente nacional unida e patriótica Vimos já que, aos três princípios de guerra popular, guerra prolongada e assente nas próprias forças opunha-se a concepção militarista da guerra de Resistência. Esta concepção tinha-se manifestado na prática de apelar as FALINTIL e o Povo à luta acenando com promessas de apoios vindos do exterior.

No campo político-militar ela foi responsável pela irracional condução da guerra, nomeadamente, no esbanjamento e ausência de espírito de economia das munições e outro material de guerra. Foi também responsável pela rápida desmoralização de elementos das FALINTIL que, por sua vez, a veicularam a sectores importantes da população. Finalmente, acresce também que ela contribuiu em grande parte para o fortalecimento e recrutamento das forças contra-revolucionárias internas (exército timor fantoche) bem como para o lançamento pelos indonésios da sua campanha de descrédito e calúnias sobre a Vanguarda do Povo Maubere — o Comité Central da FRETILIN. E, quando o inimigo no auge da sua guerra de agressão, não teve pejo em massacrar e bombardear as populações civis que viviam nas zonas controladas pela FRETILIN, essa linha de concepção militarista de guerra jamais soube encontrar formas de fazer passar para as áreas ocupadas os velhos, mulheres e crianças que assim poderiam ser poupados a sacrifícios desnecessários tal como aconteceu em vários outros sectores político-militares.

Ao invés, o Comité Central da FRETILIN entendeu a necessidade de acabar com todos os equívocos clarificando firmemente a linha da FRETILIN após análise séria das realidades específicas da Revolução Maubere e reunindo as forças populares em torno da perspectiva da guerra popular, prolongada e assente nas próprias forças.

A constituição, formação e desenvolvimento das FALINTIL nas novas condições de luta foi, por isso, uma das questões centrais redefinidas pelo Comité Central da FRETILIN. Não obstante ter sido uma preocupação constante do Comité Central da FRETILIN a constituição do Exército Popular de Libertação capaz de entender e pôr em prática os princípios, métodos e tácticas de combate decorrentes da estratégia proclamada, sempre se verificou uma grande resistência por parte dos adeptos da concepção militarista de guerra de Resistência Nacional. Daí que, o fracasso desta concepção corresponde simultaneamente ao desmantelamento das velhas FALINTIL e à formação e constituição das novas FALINTIL, embrião do Exército autenticamente popular.

Numa tal perspectiva, que é um aspecto inevitável de processos revolucionários de luta como o do Povo Maubere, a luta que se desenvolveu nos anos anteriores de 1975, 76, 77 e 78 foi uma necessidade para a sua própria sobrevivência. Sem aquela luta interna contra Xavier do Amaral e Alarico Fernandes e seus seguidores, a Revolução e a Luta estariam hoje totalmente perdidas.

Em fins de 1978, a Direcção Política da Resistência Nacional atravessou uma profunda Crise porque esteve necessariamente reduzida aos intransigentes, àqueles com um alto nível de consciência política. Ela resultou inevitavelmente em grandes perdas de áreas e posições, numa mais forte posição militar para o inimigo e num desenvolvimento das forças contra-revolucionárias internas como o exército fantoche "HANSIP" ao serviço dos indonésios, e o surgimento de uma pequena élite local.

O inimigo, consciente da crise profunda por que passou o Comité Central da FRETILIN e a FRETILIN no seu todo, aumentou

de agressividade, visando o desmantelamento total da nossa Organização de Vanguarda. Foi, sem dúvida, um ano de corrida contra-relógio.

Contudo, o Comité Central da FRETILIN já se tinha precavido para tal situação. Juntamente com as grandes rendições maciças de importantes sectores da população, passaram quadros políticos que inauguraram uma nova frente de luta na incansável guerra de Resistência Nacional contra a ocupação indonésia. A Frente de Luta clandestina organizada nas áreas ocupadas e amplamente desenvolvida em 1979 e inícios de 1980, veio conferir mais um novo elemento no conjunto dos factores que consagram a especificidade da Revolução Maubere: o conceito de retaguarda dado às áreas ocupadas com as suas inerentes limitações.

Efectivamente, ao longo de anos de luta armada revolucionária a FRETILIN logrou ganhar o apoio e a compreensão de uma parte considerável do Povo Maubere à continuação da luta. Assim, tendo conseguido demonstrar a sobrevivência dessa luta, o objectivo traçado foi o de definir acções no sentido de conquistar politicamente aqueles sectores do Povo que tinham sido iludidos ou desencaminhados. Que a Revolução tenha passado por um período de recuo, de crise e de grande ameaça, tal não pode ser visto como algo imprevisto ou encarado como o fim.

Historicamente veremos os anos de 1976, 1977 e 1978 como um estádio único na Revolução no qual a Resistência foi capaz de manter o controle quase completo do interior do País, onde vivia uma maioria de população e no qual uma vasta convergência de forças e concepções foi mantida a nível da direcção política da FRETILIN. A partir de 1979 a luta entrou numa fase em que a guerra clássica de guerrilhas é o aspecto principal. Esta fase que no campo militar pode ser comparada

aos períodos iniciais da luta do Povo Moçambicano sob a direcção da FRELIMO, caracteriza-se pela manutenção de uma intensa operação de guerra de guerrilhas combinada com acções clandestinas levadas a efeito nas áreas ocupadas. É a grande Defensiva Estratégica. É também um período de clarificação política no seio do Povo. É sem sombra de dúvidas um período mais difícil que o anterior. Mas, a existência de uma direcção ideologicamente coesa e forte, resultado das lutas anteriores, é a garantia e a esperança do Ressurgimento da Resistência organizada a um nível jamais alcançado.

Desde sempre o Comité Central da FRETILIN afastou quaisquer hipóteses de que a Indonésia pudesse vir a ganhar o Povo através dos seus projectos de "desenvolvimento". Tais projectos que sempre se limitaram a Dili e outros centros populacionais tinham por objectivo impressionar uma certa élite urbana composta por um reduzido número de antigos membros da APODETI e UDT que hoje constituem uma pequena casta económica de Timor Leste. Contudo, mesmo nessas áreas urbanas excluímos desde sempre a hipótese de que a maioria pudesse ter uma vida que não fosse a da pobreza e do terror. Além da degradação constante da vida económica e social das populações do interior e das áreas urbanas onde a repressão política e o estado policial serão factores de instabilidade para a dominação indonésia, a tentativa da Indonésia de reprimir e colonizar culturalmente Timor Leste será um outro factor que manterá aceso o espírito de Resistência contra o dominador estrangeiro.

Em 1980, a FRETILIN ensaiava os primeiros passos de uma revitalização. A Resistência militar que em 1979 parecia concentrar-se nos Sectores Orientais do País, começou também a ganhar formas nos Sectores do Centro e da Fronteira, atingindo um dos pontos mais sensacionais com o ataque a Dili em

Junho de 1980.

Nessa altura, a imprensa internacional foi obrigada a reportar aquilo que foi considerado como o reinício das ofensivas militares da FRETILIN. As mesmas notícias referiram-se às preocupações dos altos comandos militares da Indonésia responsáveis pela situação em Timor Leste.

Em Março de 1981, a Indonésia anunciou a realização de "manobras militares" em que tomaram parte os três ramos das forças armadas da Indonésia. Elas tiveram lugar na ponta Leste da ilha com inclusão da zona de Baucau. Efectivamente não era segredo para ninguém que as guerrilhas da FRETILIN tinham reactivado grandemente as suas acções militares que incidiam em grande escala no Sector Ponta Leste.

No período de Junho a Setembro de 1981 teve lugar a grande operação militar indonésia contra os guerrilheiros da FRETILIN sob o nome de código "OPERASI KEAMANAN". Esta operação militar que envolveu um corpo expedicionário misto constituído por soldados indonésios e toda a população masculina de Timor Leste com idades compreendidas entre os 15 e os 50 anos, foi posteriormente também denunciada por organizações religiosas de Timor Leste e da Indonésia.

Está por conseguinte demonstrado que a chamada pacificação de Timor Leste está longe de chegar ao seu fim. Cresce o ódio generalizado contra a dominação indonésia da nossa Pátria.

A resistência à ocupação indonésia continua a revestir-se do seu carácter nacional. Somente a ira generalizada, o descontentamento total do Povo, o crescimento da simpatia e do apoio popular à Resistência dirigida pelo Comité Central da FRETILIN mesmo proveniente dos sectores ontem desiludidos ou desencaminhados; somente tudo isso pode justificar a razão de ser das

queixas tais como aquela enviada pela chamada Assembleia Provincial de Timor Leste ao Presidente Suharto sobre as injustiças, os maus tratos, a repressão, etc.

Compreende-se o esforço vão destes fantoches em procurar defender a sua reputação e credibilidade junto do Povo Maubere já que a sua remessa total ao silêncio perante tão graves e diárias violações aos direitos do Homem, em Timor Leste, seria entendido por conivência e cumplicidade.

Não obstante, o Povo Maubere não conseguirá extinguir o seu sofrimento causado pela ocupação da Pátria. Em todos os lares de Timor Leste, há pelo menos um familiar morto pelos soldados indonésios. Esta recordação jamais se apagará da memória colectiva do Povo Maubere e será sempre uma força para o Povo Maubere prosseguir os ideais por que tombaram os seus heróis.

Para terminar esta retrospectiva, resta-nos debruçar sobre outra componente fundamental da política da FRETILIN nesta etapa de guerra de Resistência Nacional. A política de frente unida, nacional e patriótica contra a Indonésia não só proporcionou "à Resistência político-militar colher importantes frutos e receber inestimáveis apoios, como também prova, uma vez mais, a justeza da linha política da FRETILIN, o sentido eminentemente nacional e patriótico do seu projecto político em prol do Bem-Estar das amplas massas do Povo e da Nação Maubere".

Nada mais elucidativo para descrever esta política do que citar a seguinte passagem do último discurso à Nação do camarada Presidente Nicolau Lobato:

"Todos quantos confiam na nossa Luta, discordam da vergonhosa agressão à nossa Pátria, se esforçam deveras por fazer avançar a nossa luta e desenvolver a nossa Organização, esses são da FRETILIN, fazem parte do Povo de Timor. Todos

quantos vivendo embora nas vilas ocupadas pelos invasores indonésios, começam a tomar no entanto nova consciência, a consciência da justiça da causa de libertação do Povo Timor, simpatizam com a nossa luta, se esforçam por colaborar com a FRETILIN, esses também são da FRETILIN, fazem parte do Povo Maubere, têm um lugar nas fileiras da Revolução.

Todavia, todos quantos não querem convencer-se com o testemunho irrefutável dos factos de que a nossa luta é justa e vitoriosa, pelo contrário, colaboram fanaticamente com o inimigo, tentam travar a nossa luta, esses poucos falhados da vida é que não são da FRETILIN, não fazem parte do Povo Maubere, são inimigos do Povo, são traidores da Pátria".

3. Caracterização da situação actual. No interior do País, a resistência não se limita ao campo político-militar. Estende-se, e cada vez com maior incidência, ao campo da cultura e da religião.

Na frente político-militar propriamente dita, constata-se que a continuação da Luta é feita de uma forma organizada, e nunca espontânea. Na fase actual da Luta, a preocupação primeira da FRETILIN é manter a grande mobilidade das suas Forças, aumentar a intensidade e estender a acção da guerrilha, cobrindo a maior área possível. Contudo, não está excluída a possibilidade de lançar algumas grandes ofensivas contra posições fortes do inimigo, quando para tal se encontram vantagens tácticas e estratégicas.

O facto de o inimigo ter sido obrigado a lançar em 1981 ofensivas de grande envergadura, tais como a de Abril/Maio e a de Julho/Agosto/Setembro/Outubro, onde mobilizaram mais de trinta mil soldados dos três ramos das Forças Armadas, prova inequivocamente a vitalidade da Luta armada de Resistência Nacional.

Deste modo se pode concluir que:

a) A Luta armada hoje toma essencialmente as formas de guerrilha clássica — defensiva estratégica — com a preocupação fundamental de manter a mobilidade, alargar e intensificar a sua acção, dando golpes mortais aos destacamentos avançados do inimigo, e não, como até 1978, estender e/ou manter grandes áreas libertadas;

b) A Luta de guerrilha que em 1979 se circunscrevia às zonas fronteiriças e Sectores mais orientais do País, experimentou até hoje um crescimento, através da sua acção cada vez mais ousada, e da instalação por todo o País de Bases de Guerrilha Estáveis (BGE), condição básica para a conquista dos objectivos a que se propõe (Vidé a)).

c) A Luta armada de Resistência Nacional, não obstante continuar a beneficiar de um poder Central de Direcção, desenrola-se com certa autonomia nos vários Sectores político-militares, dentro do princípio de descentralização do Poder de iniciativa táctica, para corresponder às exigências actuais de maior mobilidade e dispersão das forças, maior clandestinidade dos órgãos centrais de Direcção, a fim de minimizar os riscos;

d) Outra medida de segurança que concorreu para a definição de tácticas, como as atrás mencionadas, é a preocupação de não oferecer ao inimigo grandes alvos, obrigando-o, dentro da sua estratégia, a mobilizar grandes contingentes militares, todas as vezes que pretende lançar alguma ofensiva. Assim, é o inimigo que ao movimentar as suas forças nos oferece grandes e vulneráveis alvos;

e) Enquanto isso, nas zonas ocupadas verifica-se uma maior intensidade e agressividade dos trabalhos políticos clandestinos. Assiste-se pois, como resultado disso, a uma maior mobilização da população jovem, traduzida no aumento do

número de deserções e fugas das zonas ocupadas para se juntar à Luta armada; este facto tem contribuido para criar o pânico no seio das forças inimigas que, como resposta, aumentam a repressão indiscriminada.

Paralelamente a esta Resistência Político-militar, cresce de dia para dia uma cada vez mais forte resistência cultural, garante da indestrutibilidade da Nação Maubere.

II. Retrospectiva da luta no exterior do País

Papel da Delegação da Fretilin em serviço no exterior (DFSE)

Retrospectiva da luta no exterior do País. Papel da Delegação da FRETILIN em Serviço no Exterior (DFSE)

No campo internacional, após mais de seis anos de luta diplomática, o Governo expansionista da Indonésia continua a fazer face a uma vigorosa oposição por parte da opinião pública democrática e progressista mundial às teses sobre a integração de Timor Leste na Indonésia.

Sucessivamente as Nações Unidas e o Movimento dos Países Não-Alinhados têm vindo a aprovar resoluções em que se consagra o direito do Povo de Timor Leste à Autodeterminação e Independência.

Contudo reconhecemos que a luta do Povo Maubere se desenvolve num contexto internacional muito complexo. A realidade geopolítica em que a luta do Povo de Timor Leste tem lugar e o jogo de forças internacionais dela decorrente têm sido factores impeditivos do desenvolvimento de uma retaguarda segura, firme e consequente capaz não só de projectar a luta do Povo Maubere no contexto internacional como também de contribuir para alterar a correlação de forças no campo de luta interna. Assim, o apoio moral, político e diplomático à luta do nosso Povo tem vindo fundamentalmente da África Progressista onde países e partidos irmãos se têm revelado autênticos militantes da causa maubere, não obstante as limitações que resultam dos seus fracos e parcos recursos e da distância geográfica que separa a África de Timor Leste.

A Indonésia soube tirar partido das realidades adversas

que caracterizaram e caracterizam a conjuntura regional e internacional vivida desde a invasão de Dili até hoje.

Ao sucesso do bloqueio naval e aéreo que a Indonésia conseguiu impor sobre a nossa Pátria juntou-se a inexistência de um País aliado próximo de Timor Leste, que pudesse assumir corajosamente no campo internacional a liderança do movimento de solidariedade internacional, quer na ONU quer no Movimento dos Países Não-Alinhados. O bloco ASEAN assumiu desde o princípio a defesa das ambições expansionistas dos indonésios. Os actuais Governos da Austrália e da Nova Zelândia decidiram também, em 1978, o reconhecimento de Timor Leste na Indonésia.

A juntar a este conjunto de factores adversos à causa maubere, o nosso Povo registou com graves preocupações a deterioração das relações entre os países anticolonialistas e antiimperialistas do Sudeste Asiático e da Ásia. Isto contribuiu para que o regime corrupto e expansionista da Indonésia tivesse conseguido, em vários casos, não só neutralizar apoios potenciais à causa maubere através de campanhas de calúnias e mentiras contra o Comité Central da FRETILIN, vanguarda incontestável do Povo Maubere, como também ganhar para si o apoio de países que, em princípio, se deveriam ter colocado a favor da causa maubere. Por tudo isso, a comunidade internacional não desenvolveu sobre a Indonésia as acções necessárias que a obrigassem a respeitar e a cumprir o teor das resoluções aprovadas na arena internacional. Ao invés, quer apoiando directa ou indirectamente as pretensões políticas da Indonésia em relação a Timor Leste, os países ocidentais, em geral, têm continuado a desenvolver a sua cooperação com a Indonésia tanto no domínio económico como no militar. Tudo isso tem confortado a Indonésia para continuar a desafiar as resoluções

internacionais e a prosseguir a sua guerra de extermínio e genocídio do nosso Povo.

É pois neste contexto internacional concreto que se impõe fazer a retrospectiva séria e responsável da luta do Povo Maubere no campo internacional. Sem ela estaremos desprovidos do conhecimento e da prevenção necessários não só para evitarmos novos erros, repetir experiências e métodos de trabalho e luta historicamente provados como incorrectos ou ineficazes, como também para erguermos os alicerces das novas alternativas, formas e métodos de combate que a nova etapa de luta exige.

Concomitantemente, prevenidos que já estamos em relação às circunstâncias adversas que rodearam e rodeiam a luta do Povo Maubere no campo internacional, e informados que já estamos de que a Indonésia não tem podido, apesar de tudo, obter o reconhecimento internacional da sua presença em Timor Leste, a retrospectiva da luta do Povo Maubere deverá incidir na análise do papel desempenhado pela DFSE no conjunto da luta mais global e num levantamento do cumprimento ou não das tarefas que lhe foram incumbidas.

A DFSE cumpriu integralmente a sua missão? A DFSE cumpriu as duas tarefas de que foi e é incumbida? A DFSE está em condições de prosseguir as suas tarefas ou não?

É pois o papel da DFSE nos dois domínios específicos da sua actuação, por um lado, a obtenção de vitórias no campo diplomático a fim de obrigar a Indonésia a retirar as suas tropas de Timor Leste, e, por outro lado, levar apoio moral, político e material ao nosso Povo, que importa analisar.

Não há dúvida de que a recusa da comunidade internacional ao longo dos seis últimos anos que já se passaram, em aceitar a política de facto consumado da Indonésia foi, acima de tudo, uma vitória do Povo Maubere dirigida pelo Comité Central da

FRETILIN. Salienta-se o esforço desenvolvido pela DFSE na obtenção desta grande vitória.

No que toca ao apoio à frente político-militar em Timor Leste com vista a alterar a correlação de forças existentes, devemos reconhecer que o balanço da DFSE é bastante negativo.

Vários esforços foram feitos, sem dúvida alguma, pela DFSE no sentido de acelerar a vitória do nosso querido Povo. Contudo, anomalias no funcionamento interno das estruturas da DFSE resultantes de concepções e práticas erradas não permitiram uma visão correcta da realidade global da luta de Resistência Nacional. Assim, a inexistência da prática da direcção colectiva e da implementação do centralismo democrático levou a que a indisciplina, o autoritarismo, o oportunismo, o individualismo, a ambição tenham dominado a vida interna da DFSE incapacitando-a para assumir condignamente a defesa da causa do Povo Maubere no exterior do País.

Estes males que afectaram seriamente a capacidade organizativa, combativa e dirigente da DFSE no campo de luta diplomática manifestaram-se nas várias tentativas de condução da luta política e militar do exterior do País.

A falta de diálogo, debate franco e frontal das graves questões que assolaram a vida interna da DFSE e a condução da luta maubere deram azo ao surgimento do grupismo e clientelismo no relacionamento interno entre os membros da DFSE. Tudo isto que reflectiu em última instância a *ausência do espírito de Organização em que militamos* levou ao esquecimento total dos interesses da nossa luta, da nossa Organização, do nosso Povo e da nossa Revolução. A partir daqui tornou-se inevitável o surgimento de pressões da DFSE sobre o Comité Central da FRETILIN no sentido de o obrigar a assumir as posições dos diferentes grupos que se confrontavam no seio da DFSE.

Assistiu-se assim a uma deterioração crescente das relações entre dirigentes-dirigentes, dirigentes-militantes, militantes-militantes que compõem a DFSE a tal ponto de, em 23 de Setembro de 1978, se terem registado incidentes graves que puseram em perigo a integridade física de alguns militantes da FRETILIN e ameaçaram seriamente a excelência das relações entre a FRETILIN e o Partido FRELIMO.

Esses acontecimentos marcaram assim o cumular de um conjunto de contradições amontoadas durante anos e sem soluções à vista, e revelaram a grande falta de maturidade política que os grandes erros atrás descritos tinham já abundantemente evidenciado.

Temos a coragem suficiente de assumirmos uma vez mais aquilo que consideramos ter sido a página mais negra da história da DFSE.

Reconhecemos a grande fraternidade, amizade e solidariedade revolucionárias demonstradas naqueles momentos muito difíceis da nossa luta no exterior pela Direcção do Partido FRELIMO.

Reconhecemos também a predisposição dos membros da DFSE que, apesar de mergulhados em tão profunda crise, demonstraram um alto sentido nacionalista, patriótico e revolucionário de somarem as vontades políticas necessárias de cada um para o prosseguimento e condução da luta no exterior do País.

Foi, portanto, o encontro de Catembe um marco histórico na vida da DFSE. Ele teve o aspecto positivo fundamental de ter tocado nas várias feridas que afectavam profundamente o corpo da DFSE. Se Catembe foi o produto imediato do nosso afastamento, em todos os domínios, da luta do nosso querido Povo, Catembe foi também o reassumir das nossas tarefas e da nossa

íntima ligação com o nosso querido Povo Maubere sob a direcção do Comité Central da FRETILIN.

Contudo, mal tínhamos acabado de ultrapassar as contradições existentes no seio da DFSE um outro acontecimento de repercussões extremamente imprevisíveis acabava de nos sacudir. A notícia da morte heróica do saudoso camarada Presidente Nicolau Lobato causou em todos nós um profundo choque e veio demonstrar que a grande crise por que a FRETILIN passava tanto dentro como fora do País, estava ainda longe de ser ultrapassada.

Nessas circunstâncias, a reorganização da DFSE, em Janeiro de 1979, decorreu num clima pouco propício para o equacionar correcto de inúmeros problemas para os quais urgia encontrar soluções justas e duradoiras.

O ano de 1979 que em Timor Leste foi o ano da reorganização política e militar das estruturas da Resistência Nacional viu renascer no exterior novos debates principalmente a partir da segunda metade daquele ano e ameaçando o clima de unidade post-Catembe.

Causas:

- Não aprofundamento dos vários problemas que causaram o 23 de Setembro;
- Utilização de um método incorrecto de tratamento e abordagem dos problemas anteriores com os militantes. Vários militantes jamais puderam compreender a plataforma da direcção da DFSE assumida em Catembe;
- No exterior desconhecia-se que em Timor Leste se estava a viver um período de reorganização;
- A imprensa internacional reportava sobre a fome generalizada, o fim da guerra em Timor Leste, fazia apelos dramá-

ticos para o envio de ajuda humanitária a Timor Leste — Era a imagem de uma tragédia!

Em Catembe foram analisadas as razões pelas quais a acção de 23 de Setembro fora possível. Contudo, era da responsabilidade dos membros do Comité Central da FRETILIN em missão de serviço no exterior do nosso País levar até às últimas consequências a reflexão e a análise sobre as causas e as questões em torno das quais se originaram e avolumaram as divergências e as contradições.

Um dos pontos mais importantes que deveria ter sido abordado era os dois diferentes modos de encarar a diplomacia como instrumento de apoio à luta armada revolucionária de Libertação Nacional. A não abordagem deste ponto, durante as sessões de trabalho posteriores à histórica reunião de Catembe, veio a gerar ou, pelo menos, a tornar possível o abrir das feridas que nunca chegaram a sarar. Perante a imagem da tragédia fornecida pelos meios de comunicação massiva, perante o silêncio uma vez que se tinha perdido a comunicação rádio com Timor Leste, as duas maneiras diferentes de conceber a diplomacia acabaram resultando em atitudes e posições de tal modo diferentes que o efeito final foi o rompimento da possibilidade de diálogo ainda que reduzido, que até à altura tinha sido possível. De novo e mais uma vez, o mesmo erro fora cometido: a acusação e a confrontação em lugar do diálogo e do debate clarificador. É assim que, logo após a votação na ONU — sessão de 1979 — se assiste ao renovar do mau clima nas relações entre os membros do Comité Central que se encontram em missão de serviço no exterior do País. De novo os militantes de base são chamados a tomar posições. Reedita-se a prática do clientelismo. Estamos no fim de 1979.

No entanto, mais uma vez, animados de sentimentos nacionalistas e apoiados e encorajados pela Direcção do Partido FRELIMO, os dirigentes mauberes tentam restabelecer o diálogo, e através do mesmo, tentam recolocar o sentido de hierarquia, de autoridade e de responsabilidade profundamente abalados. Reinam a anarquia, a irresponsabilidade, a indisciplina e a autogestão sendo esta última a manifestação mais alta do espírito individualista. Não se sente nem o peso nem a força da direcção. De tal modo estava dividido o núcleo dirigente que a sua influência junto dos militantes praticamente era nula. O colectivo que é a DFSE fora profundamente abalado e começava a dar sinais de que não poderia continuar a cumprir as tarefas de que fora incumbido pelo Comité Central da FRETILIN.

É neste período doloroso da vida da DFSE que se começa a sentir como verdadeiramente necessária a Unidade e que esta é uma conquista demorada que leva o seu tempo. É nessa altura que começa a esboçar-se a ideia de que a Unidade se alcança através de acções pontuais, de acções conjuntas nas quais os dirigentes teriam a oportunidade de manter o diálogo. Este tipo de prática proporciona o tempo minimamente necessário para a troca de ideias, para o conhecimento mútuo e para a aquisição da confiança; é dentro deste espírito que são feitos os preparativos para a realização com êxito do Tribunal Permanente dos Povos. Naquela ocasião, os membros do Comité Central chegam à conclusão de que este é um método eficiente, uma via frutuosa no sentido de tornar a unidade um facto, uma realidade. Ao aproveitar a realização do Tribunal Permanente dos Povos para a discussão de problemas graves que afectam a DFSE, ao ver quão efectiva é a coordenação quando existe e quanto ela é importante para levar a bom termo as tarefas de que todos estamos incumbidos, os membros do Comité Central da FRETI-

LIN em missão de serviço no exterior do País criaram as condições necessárias para que a Reunião Plenária de 1982, realizada neste VII Ano de Resistência Nacional Generalizada, fosse possível.

Na verdade, esta Reunião Plenária distingue-se de todas as outras até agora realizadas pelo tipo de comunicação que existe entre os membros do Comité Central e pela maneira nova e franca com que são abordadas as grandes questões que se prendem com a luta de Libertação Nacional do Povo de Timor Leste, sob a direcção do seu único e legítimo representante — o Glorioso Comité Central da FRETILIN. Apesar de todos os erros, pelos quais os dirigentes, ora no exterior do País, assumem responsabilidade perante o Comité Central da FRETILIN, algo sobreviveu e garante hoje a continuidade dos esforços que têm de ser feitos para que, se faça sentir o esforço heróico de todo um Povo nesta longa marcha, neste longo e sinuoso caminho para a Independência Nacional. Apesar de todos os erros, os êxitos logrados na frente diplomática devem-se em grande parte a este colectivo que jamais abdicou dos seus sentimentos nacionalistas. A Reunião Plenária é, por um lado, uma exigência e, por outro lado, o corolário de todo um processo difícil mas rico, revelador de inexperiência, imaturidade mas também uma prova da vontade e dos sentimentos patrióticos e revolucionários.

A Reunião Plenária da Delegação do Comité Central da FRETILIN, em Missão de Serviço no Exterior do País, estudou também as condições em que teve lugar o nascimento da DFSE e, em particular, o reflexo que teve na evolução da DFSE o desenrolar da guerra de ocupação da Pátria Maubere pelas tropas invasoras do regime colonial expansionista da Indonésia.

A invasão perpetrada pelas tropas do colonial-expansionismo indonésio, em 7 de Dezembro de 1975, consa-

grou este longo afastamento da DFSE da Direcção à qual se encontra subordinada, Direcção que, no interior do nosso País, em situações verdadeiramente difíceis, assegura a continuidade do processo de Libertação do Povo Maubere através da continuação da Luta Armada Revolucionária pela Independência da Nação Maubere. Cedo, este afastamento físico pôs em relevo a falta de experiência de trabalho organizativo por parte dos dirigentes que integram a DFSE assim como a ausência do sentido de equipa. Da falta e da ausência resultaram os erros cometidos pelo núcleo dirigente com os efeitos que é possível constatar no seio da vida dos militantes. Houve erros que eram praticamente inevitáveis enquanto outros são da responsabilidade dos membros do Comité Central da FRETILIN em missão de serviço no exterior do nosso País. Estes últimos são o resultado da aplicação de métodos errados no trabalho e de um estilo de comunicação entre os dirigentes que, em lugar de facilitar o diálogo como condição prévia para o entendimento e para a unidade, cimentou a incompreensão e abriu caminho para a confrontação.

A Unidade, pilar da Organização e condição necessária para toda e qualquer vitória, fora altamente golpeada. O nosso processo de libertação tal como as experiências de outros Povos em luta acabaram por ensinar-nos que a Unidade é também uma meta, um objectivo que se conquista, a pouco e pouco, pacientemente, à base de esforço e de critérios e métodos correctos. A Unidade não pode ser dada ou comprada, a Unidade é uma conquista nossa, é uma realização nossa, é um produto dos nossos esforços ainda que factores externos possam contribuir para a sua materialização.

Fomos educados no Colonialismo e trazemos ainda as marcas daquilo que aprendemos do Colonialismo. Aprendemos a Divisão e não a Unidade. De facto, esta era a prática do

Colonialismo: dividir para reinar. Não tínhamos a experiência da força da Unidade e da Coesão. E uma vez dividido o núcleo dirigente, dividido ficou o colectivo de militantes cuja situação mereceu reflexão por parte da Reunião Plenária. Ao longo deste processo foi feita uma aprendizagem a partir dos erros e foram feitas algumas conquistas para além de terem ficado claramente definidos os métodos que devem ser utilizados para que as nossas tarefas possam ter êxito como exige o nosso Povo.

Esta Reunião Plenária analisou a maneira como os erros praticados atingiram a dimensão actual e, particularmente, procurou localizar as suas raízes tendo chegado à conclusão de que, mais grave de que o erro em si, é fazer costas ao erro e repeti-lo; a FRETILIN é uma organização revolucionária e, por este facto, é sagrado o respeito e a obediência a observar em relação aos Princípios da Direcção Colectiva e da Unidade construída na base de critérios justos. Sem a observância destes Princípios não é possível actuar como um todo, como Organização, o que quer dizer que não será possível actuar como tal e de acordo com as exigências da Luta Armada Revolucionária. Foi a persistência de velhos valores e dos métodos daí derivados que permitiram que a prática individualista dominasse a DFSE com todas as consequências no trabalho organizativo e nas tarefas que são da competência da DFSE. O processo revolucionário é exigente e muito particularmente no que respeita à qualidade dos homens pois é o factor humano o elemento da mais alta importância durante todo o processo de libertação. Não há lugar para o espírito de franco-atirador pois as tarefas são de tal modo difíceis que apenas o colectivo estará em condições de garantir o seu cumprimento. Esta é também uma conclusão da Reunião Plenária após analisar as razões pelas quais se frustraram vários esforços empreendidos de uma maneira isolada por alguns mem-

bros do Comité Central da FRETILIN em missão de serviço no exterior do País. A prática de métodos velhos bem característicos do espírito sob o qual todos fomos educados impediu o diálogo tão importante para a criação do respeito mútuo e do conhecimento e confiança recíprocos, factores vitais para que uma Organização funcione como tal. Sem diálogo não há nem plano nem projecto comuns, o que abre caminho à prática de autogestão, de oportunismo, do espontaneismo e do aventureirismo. Tudo isto leva à perda da Direcção e da Autoridade implicando a desorientação e o derrotismo nas bases ou a divisão entre os militantes que deixarão de ser militantes da Organização para passarem a ser partidários deste ou daquele dirigente. Estes foram os rumos tomados por alguns militantes face às divergências no seio do Colectivo Dirigente. Energias foram desperdiçadas nestas querelas com graves prejuízos para a continuação dos trabalhos.

A Reunião Plenária concluiu que a tarefa de Libertação Nacional, nesta época, exige um espírito e métodos de trabalho novos e que tanto um como outros não constituem uma herança da velha sociedade, mas uma conquista longa e difícil dos combatentes. A Revolução de Libertação Nacional exige o espírito militante que não tem origens abstractas mas, bem pelo contrário, possui as suas raízes na prática, no cumprimento de tarefas próprias do processo revolucionário. Na verdade, não é possível sem ter uma tarefa a cumprir, sem que haja dedicação e disciplina, consciência e coragem para transpor dificuldades. O militante precisa de orientações que serão dadas pelos colectivo dirigente que também fiscaliza o cumprimento das tarefas de que os militantes foram incumbidos. Para manter a condição de militante, é tão importante receber orientações como ter de dar conta de como cumpriu o mandato que recebeu. A Reunião

Plenária concluiu ser da mais elevada importância introduzir métodos novos no seio do nosso colectivo pois, caso contrário, jamais estaremos em condições de realizar as tarefas recebidas por nós para actuarmos como um instrumento útil à libertação do Povo de Timor Leste dirigido pelo Comité Central da FRETILIN.

A Reunião Plenária concluiu não estarmos unicamente em luta contra os invasores indonésios na nossa Pátria mas também contra as ideias erradas que entravam o processo de libertação do nosso Povo. Estamos a fazer uma Revolução o que quer dizer que não usamos apenas as armas para destruir o inimigo mas também os métodos como armas para eliminar tudo aquilo que entrava o desabrochar do Homem Novo, a emancipação do Homem Maubere. Na verdade, a DFSE é um destacamento da FRETILIN e do Povo Maubere no exterior do País pelo que a sua existência só se justifica em função da sua capacidade de acompanhar a evolução da luta em todos os domínios.

Para prosseguir com as tarefas correspondentes às exigências da Luta de Libertação Nacional do Povo Maubere, a Reunião Plenária da DFSE, após caracterizar a situação actual no interior do País e definir a acção do inimigo, achou importante fazer uma análise do modo como terá que actuar para dar resposta às necessidades do processo de libertação do Povo Maubere, sob a direcção do Comité Central da FRETILIN.

A Reunião Plenária reafirma a complexidade da luta de Libertação Nacional, e reconhece que está numa situação muito particular, exigente de dinamismo e de uma militância activa, de uma elevada consciência pelo que se torna necessário desencadear uma Ofensiva Rectificadora e Reorganizadora. Abaladas e divididas as bases, não é possível esperar delas uma atitude correcta face ao processo de libertação da Nação Maubere.

Reencontrada, pela prática de métodos correctos, a Unidade exigível para o cumprimento da sua missão, a Direcção da DFSE prosseguirá com a utlização de métodos novos, métodos esses que permitiram o diálogo e a Unidade, e, paralelamente, lançará uma Ofensiva Rectificadora e Reorganizadora no seio da DFSE de modo a capacitar a DFSE, na sua totalidade e como colectivo, a desempenhar cabalmente as tarefas que são da sua competência.

Urge, pois, **Rectificar, Unir e Lutar**.

Rectificar no sentido de valorizar a qualidade dos recursos humanos de que a Nação Maubere e, em particular, a nossa Organização de Vanguarda dispõe no exterior do País; Unir, na base de princípios correctos e critérios justos, tudo o que for susceptível de ser unido; Lutar com tenacidade, na base da Unidade, da qualidade e da coordenação dos nossos recursos.

A Ofensiva Rectificadora e Reorganizadora é a condição para que seja dado o devido apreço à forma militante como as Direcções dos Países irmãos, em particular, e as organizações, em geral, têm apoiado a Luta Armada Revolucionária de Resistência Nacional, e ela é também o garante de que a solidariedade prestada ao Povo Maubere será maduramente canalizada no sentido de apoiar o processo de libertação da Nação Maubere, sob a direcção do Comité Central da FRETILIN, seu único e legítimo Representante.

Rectificar, Unir e Lutar — Lema com que iniciamos e levaremos até às últimas consequências esta OFENSIVA.

Resistir é vencer!

A luta continua!

Maputo, 15 de Março de 1982

(Aprovado por unanimidade e aclamação)

Resoluções

Resolução

A Reunião Plenária da DFSE realizada no VII Ano de Resistência Nacional Generalizada do Povo Maubere contra a guerra de agressão e extermínio levada a cabo pelo expansionismo colonial indonésio, após ter profundamente debatido as origens e causas das sucessivas crises que assolaram a vida interna da DFSE,

Decidiu:

I: Implementar a prática da direcção colectiva e do centralismo democrático através da criação das seguintes Comissões:

a) Comissão das Relações Exteriores da DFSE
MARI ALKATIRI,
Secretário do Departamento das Relações Exteriores
do Comité Central da FRETILIN (Responsável Principal)
Abílio Araújo,
Membro do Comité Central da FRETILIN
José Ramos Horta,
Membro do Comité Central da FRETILIN

b) Serviço de Informação e Propaganda (SIP)
MARI ALKATIRI (Responsável Principal)
Abílio Araújo

II: Combater o liberalismo, a indisciplina e a ausência de poder através de uma clara definição de hierarquias na Direcção da DFSE que oportunamente será publicada oficialmente.

III: Lançar imediamente uma ampla **Ofensiva Rectificadora e Reorganizadora** no seio da DFSE com vista a reactivar e a dinamizar as suas estruturas a fim de as dotar dos meios necessá-

rios que as capacitem para o cumprimento das grandes e enormes tarefas inerentes à prossecução e condução da luta no exterior do País. Assim foi criada a Comissão para a Ofensiva Rectificadora e Reorganizadora que tem a seguinte composição:

ABÍLIO ARAÚJO,
Membro do Comité Central da FRETILIN
(Responsável Principal)
Mari Alkatiri,
Secretário Dep. Relações Exteriores
do Çomité Central da FRETILIN
José Luís Guterres,
Membro do Comité Central da FRETILIN

IV: Divulgar o Relatório da Delegação do Comité Central da FRETILIN em missão de serviço no exterior do País aprovado na presente Reunião Plenária, e recomendar o seu estudo por parte de todos os membros da DFSE.

V: Convocar a I CONFERÊNCIA ALARGADA DA DFSE, no mais curto espaço de tempo possível, como o culminar da Ofensiva Rectificadora e Reorganizadora que ora se inicia e que foi declarada tarefa central da DFSE para, no plano externo, responder às exigências da Luta Prolongada de Resistência Nacional do Povo Maubere sob a Direcção do Comité Central da FRETILIN.

Maputo, 15 de Março de 1982
(Aprovada por unanimidade e aclamação)

Resolução

A Reunião Plenária da Delegação do Comité Central da FRETILIN em serviço no exterior do País, realizada no VII Ano de Resistência Nacional Generalizada do Povo Maubere contra a guerra de agressão e extermínio levada a cabo pelo expansionismo colonial indonésio, tendo em consideração a inoperatividade do Comité 28 de Novembro, resultante da ausência de subordinação orgânica à hierarquia da DFSE, representante do Comité Central da FRETILIN, situação que contribuiu para a existência de acções várias vezes desinseridas do contexto global dos trabalhos da FRETILIN, mormente em Portugal;

No contexto da *Ofensiva Rectificadora e Reorganizadora,*

Decidiu:

1: Dissolver formalmente o Comité 28 de Novembro;

2: Criar novas estruturas de base em Portugal que respondam às actuais exigências de luta, nomeadamente:

a) Divulgação da cultura maubere;

b) Trabalho político junto dos refugiados;

c) Mobilização e organização dos patriotas timores para a formação de novos quadros.

Maputo, 15 de Março de 1982

(Aprovada por unanimidade e aclamação)

Resolução

A Reunião Plenária da DFSE realizada no VII Ano de Resistência Nacional Generalizada do Povo Maubere contra a guerra de agressão e extermínio levada a cabo pelo expansionismo colonial indonésio, tendo constatado a existência de comportamentos errados de cidadãos de Timor Leste que, na República Popular de Moçambique, em nome da FRETILIN têm auferido de vantagens e regalias a que não teriam direito, nomeadamente, no que se refere às condições de acesso e frequência dos Estabelecimentos de Ensino da República Popular de Moçambique e às condições salariais incompatíveis com a condição de cidadãos mauberes,

Decidiu:

I: Pôr cobro imediato às irregularidades existentes que constituem atentado à solidariedade prestada pelo Partido FRELIMO e Povo Moçambicano à Guerra de Resistência Nacional do Povo Maubere sob a direcção do Comité Central da FRETILIN;

II: Formalizar o protocolo de cooperação entre Timor Leste e Moçambique a fim de regular a actividade estudantil e profissional dos cidadãos mauberes na República Popular de Moçambique;

III: Convocar todos aqueles que se encontrem em situação irregular, por vias adequadas e em tempo oportuno, para esclarecimento dos seus casos e posterior correcção;

IV: Notificar as estruturas competentes da República Popular de Moçambique quanto às decisões tomadas, neste domínio.

Maputo, 15 de Março de 1982
(Aprovado por unanimidade e aclamação)

Resolução

A Delegação do Comité Central da FRETILIN, em missão de serviço no exterior do País, reunida em Sessão Plenária de 5 a 15 de Março de 1982, na sede da Representação Permanente da FRETILIN, na cidade de Maputo, capital da República Popular de Moçambique, interpretando fielmente os princípios que regem a política externa da FRETILIN e da República Democrática de Timor Leste — RDTL — analisou profundamente várias questões internacionais e aprovou, por aclamação, a seguinte resolução:

Em nome do Comité Central da FRETILIN, do povo Maubere e do Governo da República Democrática de Timor Leste, a delegação do Comité Central da FRETILIN, em missão de serviço no exterior do País, reunida em Sessão Plenária, reafirma a sua solidariedade militante e incondicional com os países da Linha de Frente, os povos da África Austral, na sua luta heróica e justa pela consolidação da sua independência e soberania nacionais, face às constantes agressões armadas e tentativas de desestabilização, perpretadas pelo regime branco minoritário e racista da África do Sul.

A Reunião Plenária reafirma, em particular, a sua profunda amizade, admiração e solidariedade com os Partidos FRELIMO e MPLA — Partido do Trabalho, vanguardas dos povos irmãos de Moçambique e Angola, com os Governos da República Popular de Moçambique e da República Popular de Angola, alvos constantes do racismo, fascismo e militarismo "boer".

A Reunião Plenária da Delegação do Comité Central da

FRETILIN saúda o Comité de Coordenação da África Austral — SADCC — pelo seu esforço heróico pela libertação económica dos povos da África Austral.

Em nome do Comité Central da FRETILIN e no do Governo da RDTL, a Reunião Plenária reafirma a sua solidariedade militante para com os povos da África do Sul e da Namíbia, dirigidos pelas suas vanguardas revolucionárias, a ANC e a SWAPO.

A Reunião Plenária saúda a admissão da República Árabe Saharawi Democrática na OUA, como Estado Membro de pleno direito, e regista com profunda alegria as grandes vitórias políticas, militares e diplomáticas do povo irmão Saharawi, dirigido pelo seu único e legítimo representante, a Frente Polisário.

A Reunião Plenária condena energicamente as tentativas de desestabilização contra o Estado soberano de Seychelles e a agressão armada contra aquele país progressista do Oceano Índico, perpretada por mercenários a soldo do regime racista e fascista da África do Sul.

A Delegação do Comité Central da FRETILIN, em missão de serviço no exterior, seguindo de perto a evolução das lutas de libertação no Sudeste Asiático, particularmente as lutas dos povos da Indonésia e das Filipinas, regista com alegria os avanços na longa marcha popular contra as ditaduras do General Suharto e de Ferdinand Marcos. As duas ditaduras, a soldo de potências estrangeiras, e mantidas no poder contra a vontade popular através de um aparelho policial e militar repressivo, enfrentam agora a mais grave crise económica, social e política dos últimos dez anos. A Reunião Plenária da Delegação do Comité Central da FRETILIN reafirma a sua solidariedade para com o povo irmão indonésio na sua luta difícil mas justa contra a ditadura corrompida de Suharto, e para com o povo heróico das

Filipinas, dirigido pelo New People's Army contra a clique ditatorial — Ferdinand/Imelda Marcos.

No Pacífico Sul, o povo da Nova Caledónia continua a ver negado o seu direito à independência nacional. As riquezas do país continuam a ser exploradas por multinacionais francesas sem que o povo kanaka usufrua dessas mesmas riquezas. A Reunião Plenária da Delegação do Comité Central da FRETILIN reafirma a sua esperança de ver o novo governo socialista francês entrar em diálogo e cooperação com o Front Independantiste de Nova Caledónia com vista à uma solução justa e duradoira, com base no respeito pelo princípio do direito à autodeterminação e independência.

A Reunião Plenária da Delegação do Comité Central da FRETILIN, reflectindo as preocupações dos povos do Pacífico Sul, reafirma a sua oposição firme aos testes de armas nucleares nas águas da região, em desrespeito pelos interesses, segurança e bem estar dos povos da melanésia, polinésia e micronésia. Os testes nucleares nos mares do Pacífico Sul por potências estranhas à região constituem uma intervenção agressiva e uma agressão inaceitáveis contra a segurança física dos povos da região que desejam viver em paz, livres de qualquer ameaça nuclear.

Na América Latina, a Reunião Plenária debruçou-se sobre a grave situação de tensão e conflito, causada por uma política de hostilidade de uma grande potência contra povos pequenos e pacíficos da região. A Reunião Plenária da Delegação do Comité Central da FRETILIN saúda a luta vitoriosa do povo salvadorenho contra a junta militar e apoia as iniciativas de paz do governo do México, país que tem sido retaguarda dos povos oprimidos do mundo e na luta pela indepedência nacional.

A Reunião Plenária manifesta o seu firme repúdio contra as ameaças de desestabilização e intervenção armada contra Nicarágua por hordas de mercenários, treinados e armados por alguns países da região. A Reunião Plenária saúda a Frente Sandinista e manifesta a sua admiração pela política de paz prosseguida pelos dirigentes revolucionários de Nicarágua.

As lutas de libertação em Guatemala, Honduras, Argentina e Chile constituem novas esperanças de transformação social e política. A Reunião Plenária da Delegação do Comité Central da FRETILIN reafirma a sua solidariedade para com os povos oprimidos da América Latina e regista a sua viva fé na força e heroísmo dos combatentes de liberdade daquele continente.

No Médio Oriente, a Reunião Plenária reafirma a sua solidariedade para com o povo palestino na sua luta justa por uma Pátria soberana.

Maputo, 15 de Março de 1982

Solidariedade com os Partidos, Povos e Governos irmãos de Angola, Cabo-Verde, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe e Moçambique

A delegação do Comité Central da FRETILIN, reunida em Sessão Plenária na cidade de Maputo, de 5 a 15 de Março, aprovou, por aclamação, a seguinte resolução:

Mereceu especial consideração da Reunião Plenária da Delegação do Comité Central da FRETILIN, em missão de serviço no exterior do País, as relações de amizade e de solidariedade existentes entre a FRETILIN, o Povo de Timor Leste e o Governo da República Democrática de Timor Leste, e os Partidos de vanguarda — MPLA - Partido do Trabalho, PAICV, PAIGC, FRELIMO e MLSTP — os Povos e Governos dos países africanos de língua portuguesa.

Séculos de colonialização e dominação, humilhação e sofrimento, de luta comum e de vitória, selaram as relações entre os nossos seis Povos. Durante séculos os nossos seis Países, distanciados pela geografia, as nossas vozes silenciadas pela repressão, os nossos Povos foram separados administrativamente pelo colonialismo português. Mas a nossa luta comum, a nossa unidade de princípios e objectivos, encurtou distâncias, afastou as barreiras coloniais e forjámos uma amizade profunda que hoje une os nossos seis Povos.

Em 1912 quando o governo colonial português estava ameaçado de ser varrido de Timor Leste por um movimento nacional popular, dirigido por Don Boaventura, soldados Moçambicanos foram forçados a ir combater os patriotas Mauberes. Três quartos de séculos passados, os descendentes dos soldados Moçambicanos no exército expedicionário português

juntam-se à FRETILIN no combate de hoje pela libertação da Pátria Maubere.

Em Junho de 1959, de novo o nosso Povo se levantou em armas contra o colonialismo português. Falhada a intentona nacionalista, sessenta patriotas foram presos e enviados para as masmorras de Portugal, Angola e Moçambique. Foi nas prisões, no sofrimento, na tortura e na luta que o nosso Povo aprendeu a história gloriosa dos seus irmãos da África. Hoje, as capitais libertadas de Maputo, Luanda, Praia, Bissau e São Tomé são os santuários do Povo Maubere. As Pátrias livres de Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe são a retaguarda segura da luta do nosso Povo.

Na nossa luta pela libertação nacional, os cinco Países irmãos de África que connosco sofreram o colonialismo português têm sido a nossa retaguarda segura. A sua experiência vitoriosa tem sido uma fonte constante de ensinamentos; o seu prestígio internacional tem contribuído para as nossas vitórias diplomáticas. A sua experiência diplomática tem sido posta ao serviço do Povo Maubere. Em todas as instâncias internacionais, Timor Leste tem estado na primeira linha de preocupações dos dirigentes e quadros dos cinco Estados irmãos.

A Reunião Plenária da Delegação do Comité Central da FRETILIN interpretando os sentimentos do glorioso Comité Central da FRETILIN, do heróico Povo Maubere e do Governo da RDTL, reafirma a sua profunda amizade, admiração e solidariedade militante para com os Povos irmãos de Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe, dirigidos pelas suas vanguardas incontestáveis — o MPLA - Partido do Trabalho, o PAICV, o PAIGC, a FRELIMO e o MLSTP, respectivamente.